

**JOANA DAS MULHERES QUE HABITAM EM MIM: SEMEAR, LUTAR,
QUEIMAR**

por amilton de azevedo¹

*“El machete no solo es pa’ cortar caña / También es pa’
cortar cabezas”* (Residente, [This is Not America](#))

Quando Ana Cristina Freitas surge em cena, empunhando dois facões e com seu rosto coberto, algo dessa imagem evoca o [movimiento de mujeres zapatistas](#), que integra, em diversas instâncias, o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN). A referencialidade, intencional ou não, oferece uma bonita ponte entre a história dessa *Joana das Mulheres que Habitam em Mim*, brasileira, camponesa, lavradora, e a luta dessas mexicanas: em 1993, o movimento aprovou a [Ley revolucionaria de mujeres](#), fazendo do zapatismo uma organização guerrilheira diferenciada, que integra em seu escopo a luta feminista por direitos ligados ao gênero. Na narrativa de *Joana*, Freitas faz da trajetória de uma “mulher simples do campo”, como afirma a sinopse, um convite à possibilidade de transformação social através de uma atuação militante, ainda que nem necessariamente assim nomeada.

No solo estruturado em torno da personagem Joana – que *conversa* com a santa cujo nome carrega, como que dando a ver um lugar de certa divina militância que a aproxima de D’Arc – a forma narrativa anuncia sua epicidade logo no início: Freitas-Joana-Mulheres evoca sua força e também se mostra aprisionada, apresentando logo de cara o final daquela história, e já se subentende muito em torno dos

¹ amilton de azevedo é pesquisador e crítico das artes vivas. Doutorando em artes cênicas na ECA/USP; mestre em artes da cena, especialista em direção teatral e bacharel em teatro pelo Célia Helena, onde lecionou entre 2016 e 2019. Idealizador, editor e crítico na plataforma ruína acesa (<https://ruinaacesa.com.br>), integrante do projeto arquipélago. Colabora com diversos festivais regionais, nacionais e internacionais, ministra oficinas de formação em crítica e escreveu para a Folha de S. Paulo. Membro da seção brasileira da IATC/AICT (Associação Internacional de Críticos de Teatro), em 2024 foi convidado para cobrir o Festival TransAmériques (Montreal/Canadá).

acontecimentos que serão contados. O importante, portanto, é observar o *como* as coisas se dão.

Entre sonho, devoção, luta e fuga, Joana deixa sua casa e sua mãe para trás, embarca em um pau-de-arara e vai trabalhar na lavoura, onde encontra muitas mulheres – dessas que a habitarão, dessas que habitam Freitas em sua criação. *Joana das Mulheres que Habitam em Mim* traz à cena uma ficção que intersecciona de modo inteligente questões e violências de classe e de gênero, compreendendo as opressões intrínsecas a esse cruzamento e também às especificidades de cada recorte.

A batalha dessa Joana do campo, diferentemente da D’Arc, nada tem a ver com uma guerra de sucessão ao trono. O que se enfrenta na cena é a luta diária, da labuta; os inimigos são a exploração do humano pelo humano, a tirania do patriarcado e seus efeitos no mundo do trabalho e no próprio corpo das mulheres. É no contar de cada dia que se descobrem as tantas camadas da vida dessa guerreira. Ensinar suas companheiras a ler e a escrever, organizar-se coletivamente para discutir o trabalho, encontrar alegrias e prazeres quando possível, sonhar e agir na direção da liberdade.

Ana Cristina Freitas faz de sua atuação o cerne do espetáculo. Corpo, palavra, gesto: tudo se alinha nas escolhas da artista, que além de estar em cena também assina criação cênica, direção e dramaturgia. Luta, festa e morte caminham próximas por toda a encenação. A iluminação aponta para diversos recortes, desenhando atmosferas distintas, desde noites sombrias até luzes piscantes de vários agitos e truculências.

Ao trazer para a obra trechos de *Mamãe, coragem*, composta por Torquato Neto e Caetano Veloso, imortalizada na voz de Gal Costa, a canção tornada comentário dramático traz um certo fatalismo: “*Mamãe, mamãe não chore, não tem jeito*”. “*Não tem jeito*”. Joana, diante do público, conta sua história sabendo de seu final. Ela será mais uma queimada; mais uma *das mulheres que habitam* em Ana Cristina Freitas. Parece indesejável. Em *Joana das Mulheres que Habitam em Mim*, o destino dessa que se faz “*mulher-força*” é a fogueira do sacrifício. Antes de queimar, semear e lutar para que nenhuma mais.